



Guerra no Irã: efeitos sobre o mercado global de petróleo e gás

Desdobramentos econômicos

Rio de Janeiro, 04 de março de 2026

Destaques

- Em 28 de fevereiro de 2026, os Estados Unidos e Israel iniciaram ataques ao Irã, bombardeando áreas estratégicas, no intuito de gerar uma mudança no cenário político-institucional do país.
- O Irã é o 5º maior produtor de petróleo do mundo e o 3º maior produtor de gás natural. O país está localizado em uma região de grandes produtores do setor, portanto, instabilidades no país afetam a geopolítica da energia.
- Cerca de 20% do petróleo produzido no mundo é escoado pelo estreito de Ormuz (entre o Golfo Pérsico e o Golfo de Omã) até o Mar Árábico, e 80% desse volume atende mercados da Ásia. Além disso, 20% do GNL global transita pelo estreito. Logo, efeitos mais severos sobre o suprimento e preço do petróleo e do gás natural podem ocorrer com o bloqueio da rota que está sendo realizado pelo Irã.
- O BRENT sofreu uma elevação próxima de 13% desde o dia da eclosão da crise, alcançado cerca de US\$ 85,12. Quanto ao gás natural, o preço para contratos futuros Dutch TTF, importante referência para a Europa, chegou a uma elevação máxima de aproximadamente 40%. Esses aumentos podem continuar diante da ausência de negociações por um cessar-fogo.
- China e Índia estão entre os principais compradores de petróleo e gás natural de países afetados pela crise na região. A ruptura de suprimento energético pode afetar suas cadeias produtivas que atendem diversos setores econômicos a nível global.
- A redução na oferta de petróleo e derivados está gerando aumento em seus preços, logo, países importadores poderão ter elevações de preços internos, com reflexos no aumento da inflação e, conseqüentemente, dos juros para mitigar esses choques no cenário macroeconômico.
- O Brasil importa 24,6% de diesel consumido pelo país. Portanto, a queda na oferta global de derivados e elevação de seus preços poderá resultar no aumento do preço interno. Essa oscilação pode ocasionar o aumento da inflação, exigindo a manutenção da taxa de juros, com impactos macroeconômicos no país.
- A crise atual pode, no longo prazo, estimular o crescimento da exploração e produção de petróleo e gás natural em outras regiões do mundo, o que engloba EUA, Brasil, Guiana e países da África, detentores de um potencial produtivo elevado.

Eclosão do conflito no Irã

A relação do Irã com Israel, EUA e países da região do Golfo Pérsico é conflituosa há décadas, oscilando entre períodos de relativa estabilidade e respeito aos acordos internacionais, e períodos de forte tensão, com sanções econômicas ao Irã e ataques mútuos. A escalada mais recente se iniciou a partir da incursão de Israel contra o Hamas (apoiado pelo Irã) na Faixa de Gaza, ocasionando a “Guerra dos 12 dias” entre Israel e Irã em junho de 2025. Nos meses seguintes, o conflito manteve-se controlado.

Contudo, em 28 de fevereiro de 2026, os Estados Unidos e Israel iniciaram um ataque ao Irã, bombardeando áreas estratégicas, no intuito de gerar uma mudança no cenário político-institucional do país, transformar o regime vigente e impedir o desenvolvimento do programa nuclear iraniano. Essa instabilidade afeta a economia mundial, posto que a região é relevante para o suprimento de energia. O Irã é o 5º maior produtor global de petróleo, respondendo por 5,2%, e o 3º maior produtor de gás natural, com participação de 6%.

Gráfico 1 - Maiores produtores mundiais de petróleo
(milhões barris/dia)

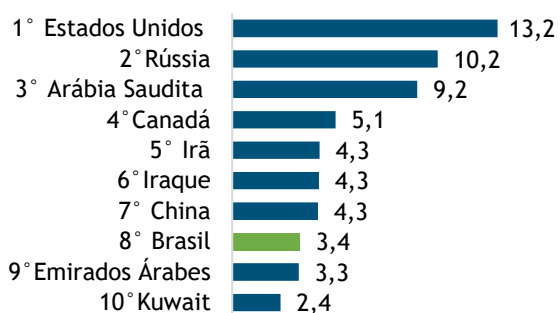
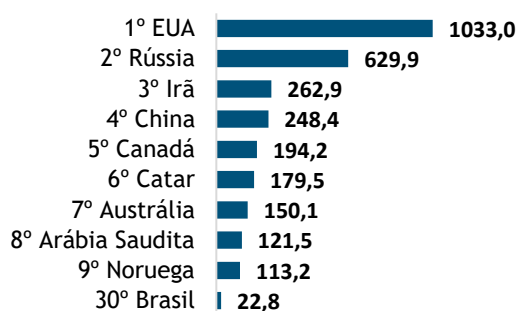


Gráfico 2 - Maiores produtores mundiais de gás natural
(bilhões m³/ano)



Fonte: Energy Institute (2025).

O Oriente Médio concentra 31,1% da produção de petróleo, 11,2% da capacidade de refino e cerca de 17,9% da produção de gás natural. Quanto às exportações de petróleo, a região responde por 40%, com a Arábia Saudita sendo responsável por quase 17% das exportações mundiais. Portanto, crises na região afetam a geopolítica da energia e, conseqüentemente, o suprimento de petróleo e gás, podendo gerar reflexos no preço dos energéticos e seus derivados.

Efeitos sobre o mercado global de petróleo, gás e derivados

O Oriente Médio é estratégico dentro da geopolítica da energia, posto que alguns dos maiores produtores e exportadores de petróleo e gás natural estão na região. Cabe sublinhar que do total de petróleo produzido na área, aproximadamente 20% é escoado pelo estreito de Ormuz (entre o Golfo Pérsico e Golfo de Omã) até o Mar Árábico. Além disso, 20% do GNL global transita pelo estreito.

Esse pequeno canal tem sido estratégico no conflito com o Irã que, como retaliação, anunciou que atacará embarcações que tentarem utilizar essa rota de escoamento. Desde o dia 28 de fevereiro, as companhias de transporte marítimo suspenderam os serviços com escala em portos do Golfo Pérsico. Logo, o bloqueio pode gerar efeitos mais severos sobre o suprimento, custo do frete e preço do petróleo, derivados e gás natural.

Como resultado da paralisação do escoamento de petróleo e gás, o BRENT sofreu uma elevação que chegou ao patamar próximo de 13%, alcançado uma máxima de US\$ 85,12. Em 3 de março/2026 o BRENT fechou em US\$ 81,4. Quanto ao gás natural, o preço para contratos futuros Dutch TTF, importante referência para a Europa, registrou uma máxima de US\$ 63,75 em 3 de março/2026, com a maior variação de quase 40% entre os dias 2 e 3 de março/2026, fechando em US\$ 32,86.

Gráfico 3 - Preço do BRENT (US\$/barril)
março/2026

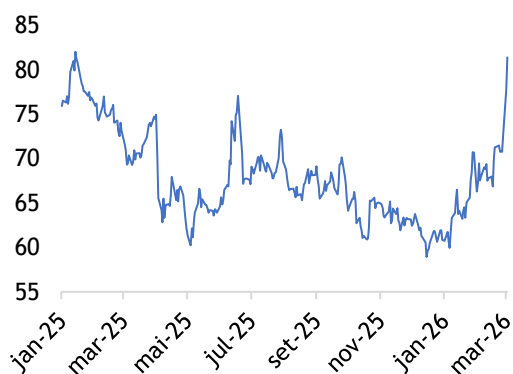
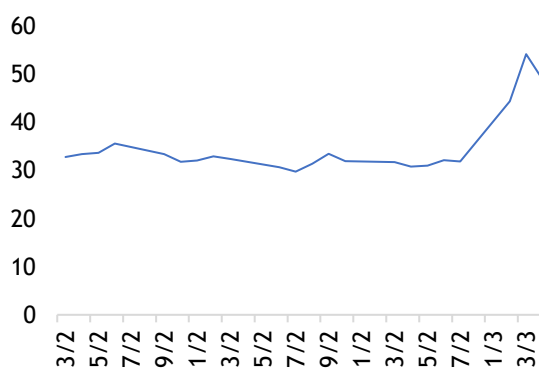


Gráfico 4 - Dutch TTF Preços Futuros
Gás Natural (€/MWh) | março/2026



Fonte: Investing (2026).

O bloqueio da principal via de escoamento de petróleo e gás e os ataques do Irã provocam ainda reduções ou paralisações da produção. A Qatar Energy suspendeu a produção de GNL em seus complexos de Ras Laffan e Mesaieed, que respondem por aproximadamente 20% do fornecimento global, após um ataque com drone iraniano. Essa suspensão pode afetar diretamente a União Europeia, pois 15% das importações de GNL do bloco são provenientes do país. O Iraque também anunciou a diminuição da produção, devido ao esgotamento de sua capacidade de armazenamento de óleo cru. Esses movimentos contribuem para a elevação dos preços.

Dentre os principais compradores de petróleo de países afetados pela crise na região está a China, o maior importador de óleo cru do mundo (concentra 26% comércio global total) e cujas importações do Oriente Médio são cerca de 50% do total importado pelo país. Outros países e regiões também podem ser afetados por serem grandes importadores, como, a Europa com 22% de participação nas importações globais de petróleo, a segunda maior do mundo. Essas economias dependem da importação de energéticos para suprir sua demanda interna e possuem cadeias produtivas que atendem a diversos setores econômicos a nível global. Logo, efeitos sobre os custos da energia poderão se estender para diversos produtos exportados, gerando reflexos em todo o mundo.

Cabe destacar que o bloqueio do estreito de Ormuz não deixa muitas alternativas de escoamento da produção de petróleo e gás natural. A Arábia Saudita tem uma rota alternativa para o escoamento da produção de petróleo, por meio do oleoduto *East-West Pipeline* (campo de Abqaiq até o Mar Vermelho), entretanto, a sua capacidade é reduzida (5 milhões barris/dia). A mesma alternativa existe para os Emirados Árabes Unidos, com o oleoduto *Abu Dhabi Crude Oil Pipeline*, ligando a área produtiva à refinaria e terminal de Fujairah, porém, a sua capacidade também é reduzida frente ao volume total produzido e exportado.

No cenário atual, um aprofundamento da crise está relacionado ao envolvimento de outros países da região, com potencial de ampliar ainda mais o risco de desabastecimento global e maiores elevações no preço do petróleo e do gás natural. Esse é o receio do mercado global de energia, uma vez que o Oriente Médio responde por quase um terço da oferta mundial de petróleo.

Até o momento, o Irã realizou ataques pontuais contra bases militares americanas e infraestruturas de petróleo localizadas na Arábia Saudita, Kwait, Emirados Árabes Unidos,

Catar e Bahrein. Contudo, essas nações não emitiram declarações sobre uma entrada oficial no conflito.

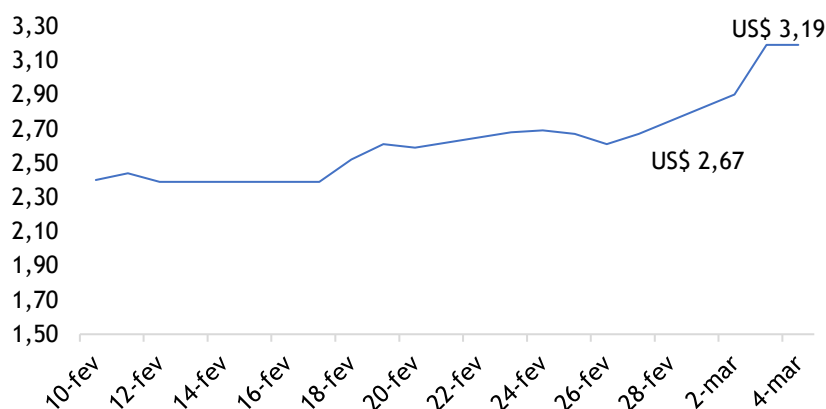
Na busca de alternativas para minimizar o impacto da redução da oferta de petróleo, resultantes dos efeitos do bloqueio do estreito de Ormuz, a Opep+ decidiu aumentar a produção em 206 mil barris/dia. Todavia, sem novos canais de escoamento da produção ou a liberação segura da rota, essa elevação tende a não promover um aumento imediato da oferta global de petróleo e evitar a elevação no preço.

Efeitos sobre o mercado brasileiro de petróleo, gás e derivados

Os efeitos para o mercado de petróleo, gás e derivados e a economia brasileira são variados diante dos choques de preços, uma vez que o Brasil é importador de GNL e diesel e exportador de petróleo.

Após a eclosão da guerra, a retenção da produção de diesel e consequente diminuição da oferta fez com que seu o preço sofresse uma elevação de aproximadamente 19,5%. O aumento pode afetar a definição de preço interno dos países importadores, como o Brasil (importa 24,6% que consome), gerando também reflexos na inflação.

Gráfico 5 - Preço do diesel (US\$/Gallons) NYMEX | 2026



Fonte: NYMEX (2026).

Quanto ao petróleo, o Brasil é autossuficiente e exportador, logo, os efeitos no suprimento do óleo cru serão minimizados. Contudo, o país é importador de GNL, ficando exposto às variações de preço internacional. Assim, os recentes aumentos no preço do gás natural

poderão afetar a formação de preço no país, gerando choques de custo ao longo de cadeias que usam o gás natural como insumo ou energético.

Cabe destacar que, no longo prazo, os efeitos do conflito nos mercados de petróleo e gás natural podem modificar a geopolítica da energia. Uma redução no abastecimento de petróleo e gás realizado por países afetados pela instabilidade no Oriente Médio, devido aos ataques do Irã às infraestruturas do setor (refinarias, oleodutos e terminais portuários), pode exigir a busca por novos fornecedores em outras regiões produtoras, como, EUA e América Latina. No longo prazo, uma transformação dessa dimensão implica na ampliação da produção e exploração de novas fronteiras geológicas.

Em 03 de março, os EUA realizou ataques à frota de navios iranianos e anunciou a inexistência de novos navios do Irã na região, indicando a liberação do trânsito no canal. Contudo, o risco de navegação pelo estreito é considerado ainda muito elevado, mantendo 20 milhões de barris/dia de petróleo sem possibilidade segura de transporte pela área.

Vale destacar que mesmo com a retomada da movimentação de embarcações, a estabilização da oferta será gradativa, em face de demandas reprimidas em países importadores. Assim, uma queda no preço do BRENT e nos preços dos derivados dependerá do ritmo da estabilização do abastecimento. Além disso, a instabilidade na região pode ser uma variável de risco a ser considerada na precificação do petróleo, derivados, gás natural e do frete internacional. Portanto, elevações e oscilações nos preços podem continuar no mercado global de energia.

As indefinições quanto ao conflito e a percepção de risco elevado exigem que as movimentações geopolíticas sejam observadas continuamente, para compreender as possíveis mudanças nas condições de suprimento, formação de preços e definição de estratégias de abastecimento. Essas oscilações podem gerar efeitos sobre inflação, juros e cenário macroeconômico brasileiro.



Onde a indústria e o futuro se conectam.

Presidência/CEO do IBP:

Roberto Furian Ardenghy

Diretora Executiva

Corporativa:

Claudia Rabello

Produzido pela Coordenação de Análises Econômicas do Setor de Óleo e Gás:

Coordenador / Economista-chefe

Aldren Vernersbach

Equipe

Juliana Barretto

Leonardo Lima

Vinícius Daudt

Gerência de Comunicação:

Tatiana Campos

Vanessa Rangel

Aline Vieira

Demy Gonçalves

Carolina Souza

Carolina Pazó

Caroline Lyrio

Alexandre Romão



@ibpbr



/ibpbr



@IBPbr

IBP - Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis.
Av. Almirante Barroso, 52 - 21º e 26º andares - RJ - Tel.: (21) 2112-9000
ibp.org.br | relacionamento@ibp.org.br